

“Curral dos Flagelados¹”: disciplinamento e isolamento no campo de concentração na obra “O Quinze”, de Raquel de Queiroz.

Dalila Arruda Azevedo*

Resumo: O propósito deste trabalho é estudar o campo de concentração na obra “O Quinze”, de Raquel de Queiroz e suas relações de poder, a forma com que os flagelados da seca encaram suas realidades, a disciplina inculcada neles, bem como o esforço da sociedade em isolá-los. Mas, principalmente, estudá-lo como agente disciplinador e isolador do retirante pela sociedade. Porém, não o analisando somente sob a perspectiva desta sociedade, mas, acima de tudo, sob o olhar do próprio retirante.

Palavras-Chave: Seca. Campo de Concentração. Disciplinamento. Isolamento. Seca.

Abstract: The purpose of this study is the concentration camp in the book The Fifteen Rachel de Queiroz and their power relationships, the way the victims of droughts face their reality, the discipline instilled in them and the society's effort in isolate them. But mostly, studying it as a disciplinary agent and insulation of the peasant society. However, analyzing not only from the perspective of society, but, above all, under the gaze of the migrant himself.

Key words: Drought, A concentration camp, Discipline, Isolation.

Introdução

O nordestino até hoje é estereotipado pelo fenômeno da seca que ainda assola a região, provocando mazelas muitas vezes irreversíveis na população. As condições precárias impelem o homem do campo a partir em retirada à procura de sobrevivência, migrando para outras regiões, nas construções de obras públicas ou nos campos de concentração. E muitas vezes é nesse ínterim, entre a partida e o destino, que o sertanejo se depara com as mais difíceis condições de sobrevivência e, às vezes, até com a tão temida morte.

Os objetos centrais deste trabalho serão as figuras de Chico Bento e sua família, representadas através do panorama da seca, do homem que busca, por meio da migração, melhores condições de vida.

A obra “O Quinze” retrata justamente o cenário, de uma família vendo-se, por causa da seca, impedida de continuar nas terras que lhe são oferecidas para o cuidado, parte em retirada com destino ao Norte do país. Porém, a realidade com que se depara é bem pior do que poderia imaginar, fazendo com que só consiga chegar à capital do

¹ Termo utilizado pelos flagelados da seca para designar o campo de concentração, também chamado de “curral do governo” e de “curral de arame farpado”.

*Graduando do 9º período de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú. E-mail: (dalilaazevedos@gmail.com).

Ceará, levando os integrantes dessa família a comporem os números do campo de concentração em Fortaleza, oferecido pelo governo para afastar da sociedade aquela parcela indesejada da população.

Faz-se presente também a necessidade de enfatizar as diversas experiências vivenciadas pelos integrantes dessa família no caminho, quando se dirigiam à capital do estado, no intuito de conseguir passagens com destino ao Norte do país.

No espaço de tempo entre a fazenda em que vivia e a capital, Chico Bento perdeu três de seus filhos; Josias, em virtude do mesmo sentir fome e por causa disso ingerir mandioca braba; o filho mais velho, tendo fugido, não sabendo com precisão para onde e Duquinha, o mais novo, que foi adotado pela madrinha para que não chegasse a morrer de fome.

O campo de concentração de fato, seria a alternativa mais viável para essa família, pois lá, tinha a promessa de alimentos, remédios, roupas e até um teto para morar. Onde mais em período de estiagem teria um sertanejo tantos benefícios?

Porém, quando adentram o ambiente do campo percebem a tamanha disparidade entre a propaganda do governo e da sociedade e a realidade existente naquele lugar. O ambiente era fétido, a comida tinha na sua composição grande parte de farinha e um grande número de indivíduos não tinha onde se abrigar, apelando para a sombra dos pés de cajueiro que tinha por lá.

É esse campo de concentração que este texto se propõe a trabalhar; as relações de poder que se estabelecem sobre o sertanejo, as formas de disciplinamento que o mesmo sofrerá, as maneiras de ele resistir ao ambiente e, principalmente, o esforço da sociedade em isolá-lo. Buscaremos analisar todos esses fatores com base no clássico de Raquel de Queiroz, “O Quinze”, fazendo um paralelo do campo de concentração citado nessa obra com a dissertação de mestrado da professora Kênia Rios; Campos de Concentração no Ceará: Isolamento e poder na seca de 1932.

I – A devoção a São José

Pra Deus nada é impossível. E a gente ainda conta com a ajuda do padroeiro e mantém uma esperançazinha.

José Guilherme Ferreira da Cruz², Agricultor.

² Depoimento retirado do artigo “Apelo ao santo querido, sinhô São José”. Disponível no site: <http://www.opovo.com.br>. Acesso em: 05/11/10.

A crença do nordestino em São José, padroeiro do estado, se dá pela necessidade de chuva que o sertanejo cearense possui para plantar e criar os animais. O dia do santo é considerado pelo povo, o marco decisório entre um inverno bom ou ruim.

Nascido em uma região fortemente envolta por uma crença popular, fato que é expresso através das promessas, da devoção aos santos, realização de procissões e missas, os agricultores do Ceará aproveitam o dia de São José para pedir que o santo mande chuva, o pedido dos fiéis normalmente é concedido, eles acreditam que havendo chuva no dia 19 de março é sinal de uma quadra invernosa pelo menos regular e que ainda podem colher algo.

Em “O Quinze”, a autora inicia a obra fazendo menção a São José que, segundo a tradição é o responsável pelo envio de chuva.

- E nem chove, hein, Mãe Nácia? Já chegou o fim do mês... Nem por você fazer tanta novena...

Dona Inácia levantou para o telhado os olhos confiantes:

- Tenho fé em São José que ainda chove! Tem-se visto inverno começar até em abril. (QUEIROZ, 2004, p.11)

A fé em São José provoca no devoto a esperança de dias de fartura, proporcionado por um bom inverno. O fato do homem do campo direcionar sua confiança ao santo indica que a ocasião necessita de um milagre. Porém, algumas vezes, nem mesmo orações são suficientes para impedir a estiagem. O gado começa a sentir diretamente os efeitos da seca. Além do mais, falta pastagem, sendo necessário que o criador destine determinada quantia de suas reservas à compra de alimento para os animais, o que agrava mais ainda a situação.

A credence no santo é passada de pai para filho. Mas a data também tem um significado científico. A ciência explica a frequência de chuvas no período correspondente ao dia de São José, como sendo o espaço de tempo da quadra invernosa do Ceará que vai de fevereiro a maio. “A configuração do El Niño entre moderado e forte é o motivo da falta de chuva”, (SALES, 2010) que será responsável por uma fase de estiagem. Além do mais, a data cai, normalmente, próximo a um fenômeno chamado equinócio³, que provoca mais aquecimento no oceano nessa região e pancadas de chuva. Mas, e quando não chove até o dia de São José? O que fazer? Normalmente os

³ - Fenômeno que ocorre quando o sol incide em cima da linha do equador que inicia no dia 21 de março, fornecendo informações meteorológicas sobre o inverno.

agricultores deixam suas casas e seguem a procura de sobrevivência em outros lugares, habitualmente mais próximo do poder público, ou seja, nas cidades.

[...] dia de São José, a seca foi novamente “decretada” no Ceará, com todos os atributos que já conhecemos. O jornal O Povo, de 27 de março de 1942 anunciou que “Fortaleza começa a ser invadida pelos Flagelados da Sêca”, que dificilmente se poderia conter “a avalanche humana que ruma” para “as regiões menos expostas á sêca. (NEVES, 2000)

A partir dessa data a realidade do campo, interferirá de forma ativa na dinâmica da cidade, a capital do estado ficará repleta de flagelados transitando pelas ruas, pedindo esmolas, saqueando o comércio, enfim, tirando a paz dos cidadãos.

II – Em Retirada: é preciso lutar pela sobrevivência.

Sem esperança de sobreviver, pois se fazia notória a escassez de recursos, o retirante segue a jornada tão comum ao homem do campo em período de seca. Mas antes disso, Chico Bento, que é a representação na obra estudada do homem que sofre com a seca, “teve que soltar o rebanho, liberou um a um do curral, para um vaqueiro, dispensar o gado significava que, a partir daí, estaria sem ocupação. Sem meios de subsistência, só restava arribar, pois não iria comer cinza até cair de morto”. (QUEIROZ, 2004, p.25)

Nesse contexto, muitos deles tinham como principal objetivo migrar para os grandes centros, pois lá, supostamente, estava reservada a eles uma vida melhor, com trabalho e dignidade, contudo, era a mão de obra barata que esses lugares precisavam explorar. Em “O Quinze”, Chico Bento pretende chegar ao Amazonas onde, segundo ele, “sempre há borracha...” Para isso, contava com o auxílio do governo, que distribuía passagens para os retirantes.

Vê-se aí uma das estratégias dos governantes locais para livrarem os flagelados da situação em que viviam, pois, lhes oferecendo passagens, proporcionariam aos mesmos oportunidade de adquirir emprego em outro local, além do mais, dele próprio se livraria do estorvo que os retirantes representavam para o restante da sociedade. Porém, essa ajuda não chegava a todos, primeiro porque o número de retirantes era grande e também por haver pessoas que se aproveitavam da situação para se beneficiar, solicitando uma quantia significativa de passagens alegando ser para toda família, quando na verdade as utilizavam para a comercialização.

As tentativas do governo de possibilitar a migração para outros estados são um tanto contraditórias, pois se por um lado o poder público precisava despejar os retirantes em outros estados para evitar maiores danos ao restante da sociedade local, por outro, ele precisava de mão de obra, para executar algumas construções públicas, além do mais, os flagelados representavam um número significativo de votos para os políticos locais, um voto quase que completamente controlado pelos proprietários de terras e pelas oligarquias estaduais.

Nesse período, algumas comissões de combate a seca no interior do Ceará foram criadas, a fim de que não houvesse tanta migração para a capital, nesse contexto, não faltavam sujeitos que se aproveitassem da situação, fazendo com que essas comissões não dessem conta das necessidades dos flagelados e para agravar a situação, muitas delas eram corruptas e desviavam o dinheiro que deveria abastecer o povo, no que se refere a alimentação, para o bolso dos próprios políticos. Com isto, surgiu a “Indústria da Seca”, mantida por meio da desgraça do homem nordestino e sustentando inúmeros políticos no poder, pois eles “posavam como salvadores da pátria,” e “abasteciam suas urnas eleitorais com o estômago vazio da população”. (NETO, 2007)

Pode-se observar até aí a negligência do governo quando não oferece ao homem do campo meios eficazes de permanecer em sua terra apesar da seca. “O despreparo das autoridades manifesta-se principalmente na ausência de medidas preventivas e no caos administrativo, provocado pela presença dos retirantes famintos novamente em Fortaleza”. (NEVES, 2000, p.84) Favorecendo a corrupção, os governantes não se utilizam de meios eficientes para liberar as passagens para a população, priorizando a ajuda a seus afilhados, tendo em vista que, grande parte deles, nessa época, eram coronéis.

Com isso, a realidade do retirante se tornava cada vez pior, principalmente para aqueles que não tinham o benefício de um padrinho, pois seguiam a pé grandes percursos e neles acabavam passando inúmeras necessidades, no que diz respeito à escassez de alimentos, água, entre outras, chegando muitas vezes ao falecimento.

Além dos meios citados acima, o governo oferecia outras formas de auxílio, como o campo de concentração (que substituiria a Hospedaria Geral dos Emigrantes criada em 1889) e as obras públicas empreendidas pelo mesmo, para tirar o flagelado da ociosidade e executar construções com mão de obra barata. Nessas obras, a vida era bastante difícil, já que o trabalho era desproporcional à energia que os pobres homens possuíam, e os salários eram míseros, insuficientes até mesmo para a alimentação. “As

obras públicas encaminhadas não possuem qualquer planejamento na execução, ficando à mercê das levas de operação que chegam diariamente do interior. São efetivas a partir de um sistema de mão-de-obra extensiva, com base na imensa disponibilidade provocada pela destruição da agricultura de subsistência”. (NEVES, 2000, p.84)

Outra forma de auxílio para os retirantes era a caridade pública, que raramente funcionava, pois eram vítimas de muito preconceito, recebendo diversas designações como: indolentes, vagabundos e até criminosos. De fato, a seca favorecia o banditismo e a indolência, mas na maioria das vezes faltavam oportunidades para o povo.

III – O Curral dos flagelados

[...] os modos pelos quais os retirantes construíram, a partir das suas vivências conflituosas, outras definições para as práticas de confinamento que o Governo chamava de socorro e amparo. Os espaços que as elites apresentavam como “lugares apropriados e até confortáveis para o amparo às vítimas da seca”, eram para os retirantes, o “Curral dos Flagelados.

Kênia Rios⁴

A estrutura do campo

Os campos de concentração eram especialmente construídos no intuito de receber os flagelados da seca, que viviam a vagar pelas ruas sobrevivendo de esmolas e saques, aterrorizando, dessa forma, a população urbana. “Os casarões tinham suas calçadas ocupadas por flagelados famintos. Tornava-se cada vez mais difícil ignorar a tragédia da seca.” (RIOS, 2006, p. 27)

Segundo a professora Kênia Rios, não existem indícios de que a experiência dos campos de concentração tenha sido repetida em outros estados. O primeiro campo, de acordo com a autora, surgiu em 1915, instalado no bairro do Alagadiço, em Fortaleza, estima-se que passaram por lá cerca de oito mil “mulambentos”, como também eram chamados os flagelados. Essa instituição foi criada pelo presidente Benjamim Barroso, com a finalidade de controlar a criminalidade e a prostituição, já conhecidas em outros períodos de seca no estado. A proposta de criação desse lugar foi repetida, posteriormente na seca de 1932⁵, desta vez não só na capital, mas também em outras

⁴ Mestre e Doutora em História Social pela Universidade Católica de São Paulo. Atualmente professora do Departamento de História da UFC.

⁵ Ver: RIOS, Kênia Sousa. AO CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO NO CEARÁ: Isolamento e poder na seca de 1932. 2 ed. Fortaleza: Museu do Ceará/ SECULT, 2006.

cinco cidades do Ceará, são elas: Ipu, Quixeramobim, Senador Pompeu, São Mateus, Crato.

A iniciativa do governo de construir os campos foi de muita valia para a população da urbe fortalezense, pois não iria mais se incomodar tanto com a presença dos transeuntes, que representavam a personificação da desgraça provocada pela seca e pela ausência de políticas públicas eficientes.

Os saques eram constantes, a polícia era convocada para intervir nessas ações empreendidas pelo flagelados, contudo, as mercadorias saqueadas normalmente eram devolvidas aos saqueadores. Eram “nas mãos dos chefes e dos responsáveis pelos alistamentos que recaía a responsabilidade de negociar com a multidão nas áreas de trabalho, enquanto nas cidades essa era tarefa dos padres, prefeitos e outras autoridades locais.” (NEVES, 2000)

O comportamento dos flagelados, ao realizarem os saques, pode ser estendido não só sob o viés da necessidade que possuíam de suprir suas necessidades básicas, mas também, podemos percebê-lo como uma forma de protestarem em relação a distribuição de riqueza social nos tempos em que a crise se desencadeava. Quando a fome e a miséria se faziam presente, era necessário, segundo olhar do vitimado pela seca, uma postura de solidariedade, que tivesse como base a caridade, portanto, quando esta não era identificada, os saques ocorriam.

[...] chegada dos retirantes à Fortaleza ainda é inteiramente aleatória e improvisada. As famílias se instalavam em praças e ruas, sem qualquer preocupação higiênica ou sanitária, em barracas improvisadas ou embaixo das árvores, dando à cidade uma atmosfera de campo de refugiados, com milhares de pessoas famintas vagando pelas ruas em busca de comida. (NEVES, 2000, p.85)

Porém, era necessário afastar a mendicância da cidade e que meios poderiam ser mais eficientes para removê-los dali que um campo de concentração na periferia? Neles havia toda uma estrutura que favorecia a detenção dos miseráveis, além disso, se nesse lugar já não tinham uma vida digna, ainda pior seria se optassem por vagar nas ruas.

O Campo de Concentração do Alagadiço foi construído propositalmente próximo a estação de trem do Otávio Bonfim, no intuito de proteger a cidade da invasão dos retirantes, já que saindo do transporte não precisavam percorrer uma grande distância para chegar ao campo, poupando assim os fortalezenses de terem que se encontrar com

os flagelados. O transporte ferroviário era um dos principais meios dos sertanejos chegarem à capital.

O campo era envolto por cercas de arames e muros muito altos, dificultando, com isto, a fuga dos flagelados, não à toa também era chamado de “curral de arame farpado”. As pobres famílias se abrigavam “uns debaixo dum pé de cajueiro” “outros absolutamente ao tempo, apenas com a vaga proteção de uma parede de latas velhas.” (QUEIROZ, 2004, p. 63) A autora se refere com a expressão “parede de latas velhas” a estrutura das barracas de zinco construídas no campo para abrigar as famílias que lá residiam. Apesar de não serem confortáveis e nem em número suficiente, tendo em vista a grande quantidade de flagelados, elas eram disputadas.

As condições de salubridade do campo eram péssimas, a alimentação oferecida era insuficiente à sobrevivência, as carnes de boi que acompanhavam as refeições eram fervidas em latas de querosene. Com isso doenças se proliferavam e muitos acabavam morrendo.

[...] a concentração de pessoas num ambiente pouco higiênico acabou por facilitar a proliferação de doenças, o que transformou o Campo num local para onde os retirantes iam apenas para morrer. Os cadáveres, empilhados ao lado do cercado à espera da turma de carregadores que iria jogá-los em valas comuns, conferiam ao Campo um ar soturno e macabro, que afugentava até mesmo as almas caridosas que iam distribuir alimentos ou consolar os doentes. O cheiro de sujeira e morte assustava até mesmo o experimentado farmacêutico Rodolfo Teófilo, que instalou na porta do Campo, embaixo de um cajueiro, o seu posto de vacinação contra a varíola. (NEVES, 2000, p. 88)

Um fator que se destaca na citação acima é o fato do farmacêutico, Rodolfo Teófilo⁶, instalar um posto de vacinação debaixo de um pé de cajueiro, dividindo, com isto, o território que os inúmeros concentrados costumavam disputar entre si para se abrigarem. O profissional nesse sentido age substituindo o Estado, pois é quem deveria tomar a responsabilidade da vacinação dos retirantes, ele realiza esse serviço, porque a vacinação proporcionada pelo Estado é insuficiente. Vale ressaltar que, apesar do grande número de mortes que havia no período, em decorrência das epidemias de varíola e tifo, as pessoas normalmente negavam-se a tomar vacina, pois temiam que aquela substância as fizesse algum mal.

Por outro lado, o governo que além de não agir de forma eficiente prevenindo as inúmeras mazelas provocadas pela seca e não assistir o flagelado adequadamente com o

⁶ Além de farmacêutico, Teófilo participou da vida cultural e política do Ceará, envolveu-se na campanha abolicionista, fez parte da Padaria Espiritual e lutou contra a oligarquia acciolina, elaborando inclusive obras literárias sobre os temas: Libertação do Ceará e Sedição de Juazeiro.

advento da estiagem, ainda por cima, cuidava em investir no embelezamento da capital do estado, até três anos antes da seca de 1915, o governo investia na construção de bondes, postes de iluminação, calçamento das ruas etc., enquanto, por outro lado, muitas pessoas queriam ao menos ter como suprir suas necessidades básicas.

As famílias que adentravam o campo eram normalmente muito numerosas, há registros de famílias que possuíam até dezoito membros. Isso nos faz ter um pouco de noção do quanto essa instituição era lotada.

A atividade existente no campo fez com que a autora de “O Quinze” buscasse atribuir vida ao campo, quando a mesma se refere à dinâmica existente nele, caracterizando-o como uma das personagens pertencentes à obra: “Tudo aquilo palpitava de vida, e falava, e zunia em gritos agudos de meninos, e estralejava em gargalhadas e em gemidos, e até em cantigas.” (QUEIROZ, 2004, p.93)

Apesar de suas tristes realidades, os concentrados atuavam de diversas formas na realidade do “curral”, seja limpando o ambiente em que se instalavam, ou trabalhando em outras atividades, pois essa seria mais uma forma de gratidão pela ração que recebiam.

Os retirantes, apesar de dependerem daquele local para viverem, eram conscientes do descaso que o governo tinha para com o lugar e, principalmente, para com as pessoas que lá residiam, sentiam-se encurralados como os animais. E é por esta razão que muitos atribuem as expressões “Curral do Governo” ou “Curral de Flagelados” àquele lugar.

Estratégias de Disciplinamento

[...] os campos exigiam rigorosa disciplina e a adaptação contínua a novas tecnologias sociais: vida em comum, banheiros, horários rígidos, higiene pessoal, vacinação etc. A vida no interior dos campos era vigiada permanentemente por uma guarda armada e tornou-se um aprendizado de novas hierarquias, que se refletiam nas formas de trabalho empregadas nas obras públicas.

Frederico de Castro Neves⁷

O campo de concentração por si só já indica disciplina e isolamento aos que se submetem a viver nele. Mas, fazendo uma análise mais profunda, veremos que dentro dos campos existe toda uma política que visa cercear a liberdade do retirante. As pessoas não tinham nomes eram todas catalogadas, recebiam números para serem identificadas e para que tivessem acesso aos poucos benefícios concedidos no campo.

⁷ Professor do Departamento de História da UFC

A seca, que carrega com ela a fome e as necessidades em geral, inclusive de dignidade, leva o homem muitas vezes ao banditismo. E eram esses homens marginalizados e designados criminosos que compunham as estatísticas dos campos. Para estes, era necessário criar todo um sistema que os impedissem de atuar naquele local de forma violenta ou imoral.

A preocupação dos vigias era acima de tudo com a moral e a decência. Para a realização de um projeto assistencial, disciplinador e civilizador, era necessária uma vigilância redobrada sobre o comportamento sexual dos flagelados. Afinal, a imagem desse tipo de projeto ficaria bastante comprometida se os considerados “atos indecorosos” chegassem a se impor entre os retirantes. (RIOS, 2006, p.58)

Além da preocupação existente com a moral sexual do flagelado, era preciso também conter seus instintos de revolta com a condição em que se encontravam. Afinal, como os próprios flagelados admitiam, eram animais encurralados pelo governo, sob o apoio do restante da sociedade que mais queria que os tais estivessem à distância das suas convivências.

Nos campos havia soldados responsáveis pela moralidade das pessoas que lá sobreviviam. Esses soldados muitas vezes eram escolhidos dentre os próprios flagelados, sob a condição de serem antes civilizados, para só depois passarem a serem civilizadores, eram homens premiados com o cargo de soldados, por suas condutas⁸.

Porém, “alguns flagelados escolhidos para o serviço de vigilância superavam as expectativas previstas nos postulados do disciplinamento e acabavam se transformando em problemas para os administradores. Empolgados com o poder que passavam a exercer- ou seja, o poder de vigiar- muitos desses guardas começavam a causar “desordens”, pois tornavam-se demasiadamente agressivos e arbitrários no trato com os concentrados.” (RIOS, 2006, p. 56)

Os soldados auxiliavam no momento da distribuição da ração, nos possíveis conflitos entre os flagelados etc.. “Seu Muriçoca⁹ soube criar e gozar plenamente seus dias de potência como chamador. Burlava as instituições do Campo para aumentar a ração das famílias. Não queria ser confundido com um poder carrasco, que exercia com

⁸ Ver: RIOS, Kênia. O teatro de seu Muriçoca: memórias de uma farda. TRAJETOS-REVISTA DE HISTÓRIA DA UFC. Dossiê: História, Memória e Oralidade. Vol.2, n.03. Fortaleza: Departamento de História da UFC, 2002.

⁹ Seu Cassiano, Antigo porteiro do Teatro José de Alencar, mais conhecido por seu Muriçoca. Vivenciou a seca de 1932, sendo escolhido como um dos soldados responsável pela distribuição da ração e pela disciplina no Campo de Concentração do Burity, no Crato.

certa generosidade e, além disso, mais uma vez, expressa como suas astúcias driblam os poderosos.” (RIOS, 2002, p. 88)

Podemos perceber através da citação acima que apesar da realidade cruel existente no campo de concentração, era possível ludibriar o sistema vigente naquele lugar. O homem demonstra que tentou de forma positiva burlar o sistema e ajudar as pessoas que viviam no campo, talvez por se mostrar sensibilizado com a situação em que viviam.

Não era muito raro identificarmos entre os soldados que faziam a vigilância no campo, pessoas que também padeciam necessidade em decorrência da seca. É verdade que alguns deles, do contrário de “Seu” Muriçoca, se aproveitavam da situação para demonstrar seu prestígio enquanto superior aos flagelados e se utilizavam do poder que tinham para atuar de forma arbitrária. Mas dentre esses existiam sempre aqueles que se comoviam com seus companheiros de infortúnio.

Nesse contexto, podem-se analisar as relações que se estabeleciam dentro dos campos, que transcendiam às estabelecidas entre os flagelados, as ligações também eram feitas entre os flagelados e aqueles que possuíam algum cargo dentro do campo, como também com as pessoas que iam habitualmente oferecer ajuda para os retirantes. Percebe-se na obra de Raquel de Queiroz exemplos dessas relações: “Uma velha, arranchada perto, chegou-se com tigela de café. Era serviçal e boa. Protegida por uma das senhoras, sempre tinha regalias: café, açúcar, pão, que repartia com os vizinhos”. (QUEIROZ, 2004, p.116).

Havia, além das formas de disciplinamento já citadas, outra bastante eficiente: o trabalho. Os moradores do campo de concentração, que já possuíam o rótulo de indolentes, não podiam deixar de recuperar parcialmente sua dignidade através do trabalho, afinal, eles estavam adaptados, como homens do campo a labutar, e, nas condições em que se encontravam, o trabalho se fazia ainda mais necessário. Primeiro porque o alimento que recebiam no campo era insuficiente para a sobrevivência, ainda mais se tivessem uma família numerosa, além disso, o trabalho naquele momento agia como terapia para esquecer a vida precária que tinham de suportar.

O trabalho também servia para ajudar o governo no processo de disciplinamento dos miseráveis, pois ao passo que trabalhavam, não teriam chance de se rebelarem contra as autoridades, ou mesmo praticarem atos imorais. As obras públicas entram nesse contexto como alternativas ideais para o governo, primeiro porque se aproveitava

da necessidade que os flagelados tinham para usufruir de mão de obra barata e, segundo, porque se caracterizava como uma forma a mais de entreter o povo.

Na obra de Raquel de Queiroz vemos esse cenário através da figura de Chico Bento, que vai à procura de trabalho na construção do açude do Tauape, mas o que recebe lá, somado a ração adquirida no campo, ainda é pouco, sendo necessário doar seu filho mais novo para a madrinha da criança. “[...] Se é da gente deixar morrer, pra entregar aos urubus, antes botar nas mãos da madrinha, que ao menos faz o enterro...” (QUEIROZ, 2004, p.108) Há uma reação de conformismo na fala de Chico Bento quando se refere a dar seu filho mais novo para adoção, conformismo este, que não é expresso no que se refere a esperança de sair daquele lugar para ir à procura de uma vida melhor fora dali, por isso solicita a sua comadre as passagens necessárias, já que não as adquiriria com o governo. “A senhora bem está vendo que eu não posso ficar aqui, nesta desgraça... Serviço no Tauape quase não tem mais... Onde é que eu arranjo com que dar de comer aos filhos, se não for de esmola? (QUEIROZ, 2004, p. 113)

Chico Bento via aquele lugar a falta de expectativas de vida melhor e de fato o era. A única opção para ele, se continuasse ali, seria mendigar, pois a obra do Tauape já estava findando, como iria sobreviver somente com a ração fornecida pelo governo? A única solução seria arribar dali.

Mesmo ao sair do “Curral dos Flagelados”, o homem ainda carregava consigo as experiências e idéias que lhes foram introjetadas no período em que viveu lá. Pois o objetivo do projeto “Campo de Concentração” era justamente esse, modificar o homem, de forma a aliená-lo. Era o controle dos ricos sobre os pobres. Portanto desvencilhar-se daquela realidade, por mais que o indivíduo saísse do campo, era muito difícil.

Era de tardinha. E quando Conceição saiu, ele ficou ali, imóvel, estirado no chão, fitando a miséria tumultuosa do Campo, que toda se agitava naquela hora de crepúsculo.

O sol poente se refletir vermelho nos trapos imundos e nos corpos descarnados.

Chico Bento olhava para o cenário habitual, mas já com o desinteresse, o despreendimento de um estrangeiro.

Um dia ou dois, e nunca mais veria aquela gente que vivia e formigava ao redor, chocalhando os ossos descobertos arrastando em exclamações a voz lamentosa. (QUEIROZ, 2004, p.116)

Algo parecia ligar-lhe ao ambiente. Seriam as recordações do que viveu, embora, sendo uma vida de poucas alegrias? É necessário levar em conta as relações estabelecidas no lugar, a afinidade que a pobreza, comum a todos, os levava a ter. “Seria

possível que fossem saudades daquela miséria, daquele horror?” (QUEIROZ, 2004, p.117)

Apesar da precariedade dos campos, da miséria existente nele e outros fatores que a sociedade e o governo tentavam impor, às pessoas que lá estavam possuíam estratégias para driblar as suas realidades tão cruéis. “Quando os flagelados terminavam seus serviços, se reuniam e entoavam cantigas, faziam desafios e repentes. Tocavam instrumentos e dançavam. Como lembra o Sr. Francisco Lima: “a gente sempre dava um jeitinho de animar aquela vida difícil.” (RIOS, 2006, p. 63) Essa era uma forma a mais, empreendida pelos moradores do campo, a fim de burlar a miséria que a seca trazia consigo, junto com inúmeras outras coisas, como: injustiça, corrupção, morte etc.

VI – Como vencer a miséria

Nos campos não havia opções de lazer. O que muitos daqueles homens e mulheres queriam era ao menos sobreviver à seca naquele lugar. Ter alimentação, por mais precária que fosse. Afinal, em tempos de estiagem não havia muitas escolhas para o homem do campo, senão esperar pelas esmolas do governo ou do povo e pelos milagres do céu.

No entanto, era preciso encarar a cruel realidade. Aos poucos, os concentrados criaram meios para burlar a desgraça na qual se encontravam. Realizavam jograis, corais infantis, entoavam cantigas e até repentes. Era uma forma de esquecer o mundo nefasto, no qual estavam inseridos, além do mais, se caracterizava como uma forma de expressar seus sentimentos, ter voz, mesmo quando não era da vontade da sociedade lhes escutar.

Perto deles, o cego da viola cantava para seu auditório esmolambado;
e a toada dolorida chegava de mistura com o hábito doentio do Campo:

No céu entra quem merece
No mundo vale quem tem

Eu como tenho vergonha
Não peço nada a ninguém...
Que me parece quem pede
Ser escravo de quem tem... (QUEIROZ, 2004, p.114)

Percebemos que, além de usarem os momentos de descontração para se expressar, os concentrados também se utilizavam destes para protestar contra aquela sociedade que os subjugará àquelas miseráveis condições.

Além do mais, a própria cantiga entoada pelo cego ressalta a honra do trabalhador nordestino que se nega a pedir esmolas por considerar o ato indigno, partindo do pressuposto que aquele que pede deve submissão ao que dá o benefício. Na

realidade o flagelado não queria apenas a ração, que deveria ser apenas paliativo para a seca, mal que assolava o Ceará no período, ele desejava trabalho.

Os momentos de descontração também serviam, com base na letra cantada pelo cego, como forma de reafirmar os valores do homem do campo, que mesmo naquela situação, ainda precisava trazer a memória traços de sua identidade. Ao integrar o “Curral dos Flagelados”, o sertanejo era descaracterizado, ou seja, suas crenças, criação, preferências, nada disso era levado em conta. Os retirantes tornavam-se nada além de números e somente através destes é que eram identificados.

Considerações Finais

O IOCS estima que cerca de dois milhões de pessoas tenham morrido em consequência das secas até 1915. A partir desse dado é possível perceber, a dimensão da desgraça que os períodos de estiagem provocavam na região.

A idéia do campo de concentração surgiu em razão das graves consequências da seca na população cearense. Este modelo de política emergencial também foi utilizado em outros períodos como, por exemplo, em 1932, com o acréscimo de mais seis campos distribuídos pelo Ceará.

É possível perceber através de estudos, que o campo de concentração, mais que um meio de livrar da miséria os retirantes que migravam para a capital, também desejavam isolar aqueles flagelados, limpando as ruas de Fortaleza. Naquela época, as pessoas já estavam vivenciando um período de valorização da estética da cidade. Além do mais, não era nada saudável que grupos de “mulambentos” vagassem por entre a população, já que muitos eram portadores de várias doenças, inclusive varíola e tifo, moléstias que nesse período acometeram inúmeras pessoas no estado.

O próprio campo de concentração era um celeiro para a proliferação de vários tipos de doenças. Os retirantes que eram atraídos para lá com promessas de serem assistidos com alimentação, vestuário e remédios, quando adentravam o “Curral dos Flagelados” percebiam a miséria mais presente em suas vidas.

A realidade desses pobres homens se agravava ainda mais, em virtude da corrupção por parte de órgãos responsáveis e dos políticos da época, que se aproveitando da triste realidade vivenciada pelos retirantes, embolsavam as verbas enviadas pelo governo. Além disso, ludibriavam os miseráveis com promessas infundadas em troca do voto destes.

Ao analisarmos o panorama da seca de 1915 no Ceará, vê-se que muitos levaram vantagem com a situação de pobreza provocada pela escassez de recursos na região, movimentando a “Indústria da Seca”. Porém os que mais necessitavam da ajuda enviada pelo Estado, não usufruíram dos benefícios.

Diante do que foi mencionado, identificamos o campo de concentração como uma forma a mais de punir os vitimados da seca, já que nele não havia um planejamento que assegurasse ao indivíduo uma vida mais digna do que aquela em que viviam em arribada.

A obra “O Quinze”, tenta repassar para o leitor a descaracterização dos sujeitos acometidos pela escassez de recursos no “Curral do Governo”, utilizando a figura de Chico Bento e sua família como representação dessa realidade. Encara a seca como uma úlcera que pode até mesmo levar o indivíduo a morte, ou muito pior que isso, a um futuro indefinido.

]

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Kárita de Fátima. 1915: A SECA E O SERTÃO SOB O OLHAR DE RAQUEL DE QUEIROZ. Disponível em: <http://www.google.com.br>. Acesso em: 16/09/10.

FAHEINA, Rita Célia. APELO AO SANTO, SINHÔ SÃO JOSÉ. Disponível em: <http://www.opovo.com.br>. Acesso em: 05/11/10.

NETO, Cicinato Ferreira. HISTORIADOR RELATA TRAGÉDIA NO SÉCULO XIX. Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com>. Acesso em: 09/11/10.

NEVES, Frederico de Castro. GETÚLIO E A SECA: POLÍTICAS EMERGENCIAIS NA ERA VARGAS. Disponível em: <http://www.google.com.br>. Acesso em: 05/11/10.

_____. A seca na história do Ceará. In: UMA NOVA HISTÓRIA DO CEARÁ. Organização: Simone Sousa. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2000.

QUEIROZ, Raquel de. O QUINZE. 7 ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2004.

RIOS, Kênia Sousa. AO CAMPOS DE CONCENTAÇÃO NO CEARÁ: Isolamento e poder na seca de 1932. 2 ed. Fortaleza: Museu do Ceará/ SECULT, 2006.

SALES, Iracema. AGRICULTORES APOSTAM NA CRENÇA POPULAR. Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com>. Acesso em: 05/11/10.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.